

*A MONOTONGAÇÃO DE [ej] E [aj]
NOS FALARES FLUMINENSES*

Edila Vianna da Silva (UFRJ)*

O presente trabalho resume os resultados até agora obtidos no estudo da monotongação dos ditongos [ej] e [aj], em dialetos norte fluminenses, cuja primeira notícia foi divulgada no IV Congresso da ASSEL, em 1994.

Por verificarmos o comportamento variável dos ditongos, aplicamos aos 4072 dados de [ej] e 756 ocorrências de [aj] os procedimentos metodológicos da Teoria da Variação de William Labov (1972). Esse "corpus" foi recolhido de questionários aplicados a informantes do Projeto do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro¹, bem como de diálogos entre locutores e documentadores da referida pesquisa. Os locutores – todos pescadores do Norte do Estado do Rio de Janeiro, do sexo masculino e com baixo nível de escolaridade ou analfabetos – foram distribuídos por três faixas etárias: A (18 a 35 anos), B (36 a 55 anos) e C (56 a 70 anos).

Com base na premissa de que a manutenção do ditongo ou a sua simplificação não ocorrem aleatoriamente, mas decorrem de condicionamentos estruturais e/ou extralingüísticos, controlamos oito fatores, sugeridos por uma primeira observação dos dados e de acordo com trabalhos sobre o apagamento da semivogal anterior.

Assim, submetemos o "corpus" ao pacote de programas VARBRUL, distribuindo as ocorrências por duas variáveis sociais – localidade de origem do pescador e faixa etária – e seis variáveis lingüísticas: tonicidade da sílaba em que ocorrem os ditongos; extensão do vocábulo; posição do acento no vocábulo; qualidade do segmento contíguo à semivogal, quanto ao modo e ponto de articulação e posição do ditongo no radical ou no sufixo, nas palavras derivadas.

Análise do ditongo [ej]

* Participaram da elaboração deste trabalho as bolsistas I.C.: Adriana dos Santos e Santos, Ener Castro Morett e Simone Nogueira Viana Sampaio.

Das 4072 ocorrências do ditongo [ej] constituintes do “corpus” analisado, 1354, isto é, 33% mantiveram o contexto, enquanto em 2718, 67% do total, houve apagamento do “glide”. Esse resultado nos leva a constatar, em princípio, maior frequência de monotongação do que de realização do ditongo. Não se trata, não obstante, de fato generalizado em todos os ambientes de ocorrência do ditongo, mas reflete a situação de regra quase categórica de supressão da semivogal nos contextos a seguir apresentados.

Observamos, com o auxílio do programa IVARB, que os fatores mais relevantes para o condicionamento do fenômeno são o ponto e o modo de articulação do segmento subsequente à semivogal, com “inputs” iniciais, respectivamente, de .66 e .76. Seguem-se os fatores acentuação e extensão do vocábulo e, por último, a variável faixa etária dos locutores.

No que concerne ao primeiro fator selecionado pelo programa – ponto de articulação – sobressaem as pré-palatais [] e [], como altamente favorecedoras da monotongação com peso relativo de .98. Das 1130 ocorrências desse contexto, a semivogal foi apagada em 1228 dados, o que significa 92% do total.

Ex.: d[e]xam; p[e]xinho; qu[e]xada; p[e]x[e]ro; f[e]jão.

Já os segmentos dentais com .08 de peso relativo e as vogais com .01, mostraram-se elementos desfavorecedores do processo, podendo-se mesmo concluir que a presença de tais segmentos após o ditongo bloqueiam a sua simplificação.

Observamos também, quanto a esse fator, que os segmentos alveolares condicionam uma alta frequência de supressão da semivogal, apresentando, no entanto, um peso probabilístico de .35 o que, contrariamente, indica as alveolares como inibidoras do processo. A aparente contradição é causada pela inserção entre as alveolares do flape, - este sim - fator condicionante da supressão do “glide”. Quando retiramos o flape do grupo, o número de ocorrências de monotongação com o contexto é quase zero.

Ainda no tocante à variável ponto de articulação, devemos ressaltar que, embora os segmentos labiais apareçam com .94 de grau de probabilidade de favorecimento da monotongação, tal índice refere-se a um “corpus” de apenas 62 ocorrências, correspondentes ao emprego da palavra “reimoso” e de formas do verbo “queimar”, bastante recorrentes no vocabulário dos pescadores e realizadas com simplificação do ditongo [xe'mozu] e [ke'ma].

É digna de nota a pronúncia da vocábulo “treinado”[t e'nadu], único exemplo do “corpus” em que [ej] seguido de nasal dental é monotongado. Na cidade do Rio de Janeiro, muitos falantes realizam a variante reduzida em formas do verbo “treinar”, embora em outros vocábulos a supressão da semivogal seja bloqueada pela presença da nasal. Ex.: reino [xejnu].

Em relação à variável modo de articulação é o flape o segmento de maior importância no favorecimento do processo examinado, com a alta frequência de 98% e probabilidade de .94 de apagamento da semivogal.

Ex.: bich[e]ra; barr[e]ra; nadad[e]ra; pop[e]ro; man[e]ra.

Em segundo lugar o programa selecionou os segmentos fricativos, com 90% de frequência e .19 de peso relativo, o que se explica pela inclusão nesse grupo das consoantes pré-palatais. Em verdade, no "corpus", esses índices referem-se à pré-palatal surda [] já que existe apenas uma ocorrência de ditongo [ej] seguido da homorgânica sonora []: feijão [fe'ãw].

Os segmentos oclusivos com .02 de peso relativo, os nasais, com .04, e os africados, com .00, são desfavorecedores da simplificação, bem como as vogais, com .01 e a pausa, com .02, francamente bloqueadores da supressão.

Ex.: [ka'seja]; [kla'reja]; [meju].

Embora Paladino (1990) tenha considerado o fator tonicidade condicionante da simplificação do ditongo, o programa usado na presente pesquisa não o selecionou. As frequências dos subfatores foram semelhantes: 76% de monotongação em sílabas tônicas e 66% em pretônicas, indicando a neutralidade do fator tonicidade da sílaba quanto à variação.

Em relação à variável estrutura interna da palavra, o programa registra frequência de 80% de monotongação das ocorrências de [ej] em sufixos. Ao cruzarmos esse variável com o fator modo de articulação, constatamos que das 1076 ocorrências daquele contexto, a maioria (881) se dá com o sufixo -eiro e o alto percentual de supressão da semivogal ocorre pela presença do flape após o "glide" e não por uma motivação morfológica.

As variáveis acentuação e número de sílabas dos vocábulos, embora selecionadas na primeira rodada, não se mostraram realmente significativas. O que se verifica de mais importante quanto a essas variáveis é o bloqueio da monotongação em palavras monossílabas tônicas e em oxítonas., contexto praticamente categórico de manutenção do ditongo.

Ex.: ['sej]; [mo'rej]; [pe'kej]; [notej].

No que respeita às variáveis extralingüísticas o programa selecionou a faixa etária do informante. A faixa C com .61 de peso relativo indica maior tendência à eliminação do ditongo entre os pescadores mais idosos. Quanto às faixas A e B com pesos relativos, respectivamente, de .44 e .43, não há muita diferença de comportamento.

Análise do ditongo [aj]

O "corpus" que serviu de base ao estudo do apagamento da semivogal no ditongo [aj] compõe-se, até agora, de 756 ocorrências, elenco pouco expressivo para suscitar muitas conclusões. A primeira delas, no

entanto, é a pouca produtividade do processo de simplificação do referido ditongo. Em 756 ocorrências analisadas, o apagamento do "glide" ocorreu em apenas 90 dados, o que significa 12% do "corpus", frequência bastante baixa.

Podemos registrar, também, que o ponto e o modo de articulação do segmento contíguo à semivogal são os fatores concorrentes para a monotongação. Em relação a essas variáveis o programa destacou a presença de fricativas pré-palatais no contexto subsequente à semivogal como elemento favorecedor à redução: em 206 ocorrências, tivemos 76 supressões de [j], perfazendo um total de 37% e com .72 de peso relativo.

Ex.: b[a]xa; ab[a]xou; c[a]xote.

Observamos, outrossim, que a presença de vogal em seqüência ao ditongo constitui condição bloqueadora de apagamento da semivogal. Das 188 ocorrências do contexto [aj] seguido de vogal, em apenas 4 registrou-se a supressão do "glide".

Ex.: m[a]or; m[a]orzinho.

Esse resultado corresponde a 98% de manutenção do ditongo [aj], que nesse contexto se pode afirmar praticamente categórica.

As motivações extralingüísticas, até o presente estágio do trabalho, não se mostraram significativas para o processo, como observamos das frequências obtidas quanto às variáveis faixa etária e localidade.

Faixa etária : A - 12%; B - 11%; C - 13%.

Localidades: Atafona - 13%; Gargaú - 9%; Guaxindiba - 13%.

Conclusões

No que diz respeito ao ditongo [ej], podemos afirmar que o apagamento da semivogal é quase categórico, quando o segmento que a ela se segue é um flape ou uma consoante fricativa pré-palatal. Esta conclusão coincide com as divulgadas em pesquisas que se basearam em amostras de fala de outros dialetos brasileiros.

No que se refere ao ditongo [aj], observamos que a supressão da semivogal não tem o mesmo status lingüístico de seu apagamento no ditongo [ej]. Enquanto a redução de [ej], nas circunstâncias já referidas, é regra quase categórica, a monotongação de [aj] constitui regra variável condicionada pela presença da consoante pré-palatal surda após a semivogal.

De acordo com o trabalho de Maria da Conceição Paiva(1986) sobre o dialeto carioca, à força dos segmentos palatais parece dever-se à

presença nestes segmentos, do traço[+ alto], compartilhado pela semivogal.” A seqüência de dois segmentos com o mesmo traço cria ambiente propício à assimilação de um deles, no caso, a semivogal.

Do mesmo modo, podemos explicar o condicionamento do flape. As líquidas têm características vocálicas e, entre elas, o flape é a que apresenta o maior número de traços intrínsecos das vogais – tais como [+ soante] e [+ contínuo]. Ai também ocorre a assimilação da semivogal por outro segmento semelhante, isto é, o flape.

O fato de a vogal, em posição contígua ao ditongo, ser condição de bloqueio do apagamento de [j] parece contradizer as reflexões anteriores. Parece atuar, todavia, a tendência mais geral da língua portuguesa de desfazer os hiatos. A supressão da semivogal antes de outra vogal teria como conseqüência a formação de um hiato, situação contrária à deriva da língua, que faz, a propósito, com que formas do verbo “frear” sejam ditongadas na linguagem distensa: [frejax]. Essa tendência levou o substantivo “freo” (arcaico), da forma latina “frenu”, a evoluir para “freio”, com a eliminação do hiato pela epêntese da semivogal [j].

Nota

- 1 Projeto de pesquisa coordenado por três professoras do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ.

Referências Bibliográficas

- LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.
- PAIVA, Maria da Conceição. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. Relatório de pesquisa ao CNPq. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.
- PALADINO NETO, Luiz. Os ditongos do dialeto carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.